A Semana de Lisboa

Supplemento do Jornal do Commercio

DIRECTOR — ALBERTO BRAGA

N.º 44 | Domingo 29 de outubro | 1893

Antonio Augusto Pereira de Miranda

Se, fóra do tremedal a que o *deficit* de homens vae — como caracteristico d'este fim de seculo — reduzindo pouco a pouco o nosso paiz, apparece um que verdadeiramente o seja, essa apparição é consolante como a que sente o ceareiro, que, em campo invadido do joio, achou alguma espiga de provido e sazonado grão, avigorando-lhe a fé e alentando-lhe a esperança de melhor futura colheita.

Pois eis aqui um verdadeiro homem.

Antonio Augusto Pereira de Miranda é um homem com todas as qualidades de caracter, com todos os dotes d'alma, com toda a elevação d'espirito, com toda a luz de intelligencia, e com todas as prendas de coração, que — social, scientifica e christanmente — constituem o exemplar e o modelo da primeira das creaturas na ordem intellectual.

Veiu de humilde berço e está hoje nos pontos culminantes da hierarchia portugueza, tendo feito — elle proprio — o seu caminho em continuas conquistas nas lides do trabalho e do estudo.

Da carteira de empregado d'um escriptorio de commercio ascendeu — passo a passo — até ser o que hoje é: um dos mais notaveis entre os economistas e financeiros portuguezes, par do reino vitalicio, e gran-cruz de Christo. N'esse subir desde a planicie de escondido valle até á cumiada da mais alta montanha, — n'esse caminhar desde a modestissima obscuridade em que nasceu até ás envaidantes aureolas d'hoje, não creou um inimigo, não fez derramar lagrima alguma, nem uma só dôr causou.

Nasceu em Coimbra, d'onde, infante, veiu para Lisboa, tendo recebido a primeira educação litteraria na Escola Academica. Já na virilidade fez o curso superior de lettras. Orador fluente, posto que sobrio, os seus discursos primam por um esclarecido bom-senso e consciencioso estudo; e, sem rethoricos ouropeis, têem elegancia e feição proprias. É que n'esta nossa boa terra, onde os talentos pullulam e o bom juizo falta produzindo um desgraçado desequilibrio, Antonio Augusto Pereira de Miranda é um equilibrado. Tanto pésa o seu espirito superior, culto e continuamente robustecido com um estudo aturado, como pésa o bom juizo pratico do seu julgamento e do seu voto.

Ha cerca de vinte e cinco annos que milita na politica onde é actualmente um dos vultos de maior prestigio e de mais venerando e justificado culto; e tanto respeito e consideração lhe consagram os homens do partido em que uma vez — uma só — jurou bandeiras, como, sem excepção, todos os homens dos partidos adversos ao seu.

Tantas vezes nos ultimos quinze annos o partido progressista foi governo, quantas teve a perseguil-o a instante sollicitação de acceitar uma pasta; ao que sempre se recusou.

Foi o primeiro governador do Banco de Portugal — nomeação que é a mais pura e fulgente gloria de Marianno de Carvalho — e durante o seu governo veiu a dar-se o periodo das maiores e mais angustiadas difficuldades, pelo agudissimo da crise financeira. Então, não só foi *impavidus* como o varão forte de Horacio, accudindo elle só, com energica mão e por dias tor-

mentosos e noites de cuidadosa vigilia, a todo o melindrosissimo serviço do Banco, dando vida com o mais sereno e providente animo a todo o mechanismo d'aquelle estabelecimento; mas tambem foi *bom*. Com rara pericia, e como se do alto e em tão apertada conjunctura lhe viera, em auxilio, superior e extraordinaria luz, soube ser, no mesmo tempo, forte e justo, valoroso e bom, previdente e misericordioso. Tendo nas suas mãos os destinos de todos os estabelecimentos de credito e bancarios, podia — se no seu coração tivesse logar alguma paixão menos nobre — olhar sómente, com aquelle vêr que mira agudissimo como nenhum mais, para os interesses do estabelecimento que governava, e, com um egoismo a que muitos não saberiam resistir, sacrificar tudo a esses interesses, produzindo uma hecatombe medonha. Não o fez; e, porque é tão bom quão digno e forte, tão justo quão independente, preferiu colher graças e sorrisos onde podia ter semeado lagrimas e desventuras, preferiu manter instituições onde podia ter produzido tristes ruinas.

E, todavia, se os accionistas do Banco de Portugal lhe fizessem levantar no atrio do seu edificio uma estatua de ouro, nem assim lhe pagariam os enormissimos e inexcediveis serviços que lhe devem.

O governo galardoou esses serviços com a gran-cruz de Christo, cuja acceitação se conseguiu mui difficilmente e ao cabo d'umas luctas, que sómente os seus intimos conhecem; porque Antonio Augusto Pereira de Miranda é tão illustre e digno de todas as distincções nobiliarias, como sinceramente modesto.

A gran-cruz de Christo foi encontral-o inteiramente nú de fitas, cruzes, crachás, veneras e quejandos dixes. Nem mesmo tinha a carta de conselho, nem sequer era socio da Academia; cryptogamias que rarissimamente se encontram sob a acção da atmosphera pura e sadia em que vive o merito real.

Nunca teve logar na mesa do orçamento, e nunca fez parte de syndicato algum. Vive de commerciar; e no seu haver não ha um só real que não tenha sabida e honesta procedencia.

No convivio intimo e particular sabe a sua familia, sabem os seus amigos, sabem os seus correligionarios e sabem os desvalidos como Antonio Augusto Pereira de Miranda, na mais maviosa affectividade, é extremoso, leal, obsequioso, independente e bom.

Já fica dito que sempre se tem recusado a ser ministro da Corôa. Essa recusa, ferrenhamente persistente, tem decerto as suas razões conscientes, mas de nenhum modo repugna que se julgue tambem algo filha do destino, que o terá querido preservar do contagio dos funestos erros dos passados governos, e conserval-o puro para um dado momento psychologico da nação. Porque em um dia futuro, e quando n'esta terra se tratar a serio de fazer a chamada — *vida nova*, Antonio Augusto Pereira de Miranda terá então logar para ser — mais do que ministro — chefe d'uma situação politica, que será forte e limpa e governará energicamente, mas dentro da lei, sem violencias, sem transigencias, e sob a égide d'aquella trilogia do — *saber, querer e poder* — que constitue a virtude dos homens de governo, dos verdadeiros estadistas.

É de fé que, se para esta nação tem de vir n'um futuro proximo a redempção e a vida propria e socegada de que ella tanto carece e que tanto merece, o redemptor deverá ser Antonio Augusto Pereira de Miranda, visto como dos actuaes politicos mais do que nenhum tem o prestigio e a auctoridade que nascem da crença na sua immaculada probidade, da fé na orientação e na competencia do seu saber, e da certeza do seu real e sincero patriotismo; crença, fé e certeza, que são geraes, e sem discrepancia existem arreigadas em todos os homens honrados de todos os partidos politicos militantes.

E se, no nauseante esphacelo da nossa sociedade portugueza, elle não é o Messias, então, ai de nós! Então quiçá serão prophetas os desgraçados pessimistas, que nos seus agoirentos e temerosos sonhos têem a visão do... *Egypto!*

Em todo o caso, e qualquer que tenha de ser definitivamente a sua missão civica, Antonio Augusto Pereira de Miranda é um vencedor e sem haver vencidos, porque as suas victorias são todas alcançadas no campo incruento do trabalho e do estudo.

Entre bem poucos é elle um dos que podem altivamente dizer: *sum!* E pela sua grande valia, e como individualidade perfeita, por extremo sympathica e insinuante, que em dez annos seguidos foi o deputado querido de Lisboa, é incontestavel o seu direito a um logar d'honra na galeria da *Semana de Lisboa*.

Assim a par d'esse direito estivessem as pobres e desataviadas linhas que ahi ficam escriptas como humilde pedestal do seu medalhão.

Outubro de 1893.

JORGE CAMELIER.

No proximo numero, medalhão da sr.ª D. Carolina Michaelis de Vasconcellos. Artigo de Theophilo Braga.

POLITICA SEM POLITICA

A julgar pela forma porque aqui fallamos dos outros, dir-se-hia que reunimos o cumulo das perfeições humanas.

O Brasil está empenhado n'um lance terrivel — troça para o caso!

A França acaba de realisar demonstrações nunca vistas em homenagem á Russia — é que estão doidos!

Pois bem melhor fôra que olhassemos para o ridiculo das nossas vaidades e aprendessemos no exemplo da França, como se trata uma potencia, cuja amisade se quer conservar ou conquistar.

Mais do que a França da Russia, precisa Portugal do Brazil, e no entretanto não duvida o jornalismo nacional explorar o desaguizado brazileiro por meio, já de chalaças, já de infamações, quer para o lado de Peixoto, quer para o de Custodio, incumbindo a imprensa os actores do theatro de D. Maria de fazerem monologos de critica sobre a legitimidade dos poderes constituidos em um paiz, que os ditos actores se habituaram a ir explorar todos os annos em villegiatura dramatico-economica.

O resultado final ha de ser excellente, não haja duvida, e, no entretanto, a nós mesmo nos cobrimos de ridiculo, porque os defeitos brazileiros é bem de vêr que são apenas os defeitos portuguezes, que para lá temos exportado desde o seculo XVI.

Rimo-nos do inefficaz bombardeamento do Rio de Janeiro, mas esquecemo-nos d'aquella bem mais alegre facecia militar, que se chama o bombardeamento do urso do Jardim Zoologico, e que poz em pé de guerra toda a guarnição de Lisboa!

Impoliticus.

CHRONICA ELEGANTE

Os deliciosos dias de outomno, que succederam aos dias de chuva com que parecia annunciar-se o inverno, resolveram as familias da nossa primeira sociedade a prolongar a sua estada em Cascaes. E, para dissipar melancholias, como a que invadiu a alma de Millevoye quando o poeta, n'uma elegia repassada de sentimento, cantou a *Chute des feuilles*, essas mesmas familias aproveitaram as lindas manhãs de sol e as suaves tardes da beira-mar, para realisarem, sob a direcção de Sua Magestade a Rainha, uma elegante kermesse, em beneficio das victimas do cyclone dos Açores.

Como as fadas das antigas lendas que possuiam o condão de proporcionar alegrias onde havia lagrimas e de converter as lagrimas em perolas, o nome da Rainha basta para attrahir em volta de si o concurso de todas as senhoras, que a auxiliem em festas de caridade. Foi o que succedeu agora em Cascaes.

Apenas se annunciou a kermesse, a que devia presidir a Rainha, começaram a ser enviadas prendas ás senhoras da commissão. Todos queriam concorrer para aquella obra piedosa, destinada a mitigar a desgraça dos infelizes, que a passagem de um tremendo cyclone reduzira á miseria. Construiram-se as barracas, abriu-se a venda, e, ao cabo de dois ou tres dias, a commissão recolhia cerca de cinco contos de réis.

Esta importante somma, reunida á que foi colhida nas festas realisadas pela commissão da imprensa, vae agora servir para amparar e soccorrer as victimas.

E mais uma vez o povo dos Açores bemdirá o piedoso coração da Rainha, que estremece de dôr ao annuncio de qualquer desgraça e procura logo suavisar a sorte dos infelizes.

*
* *

Um dos divertimentos que ali se realisou e que mais espectadores attrahiu, foi a vaccada, em que entraram, como cavalleiros, capinhas e forcados, os nossos mais distinctos e arrojados *sportmen*.

Fizeram-se os maiores prodigios de toureio e de força.

Com um denodo verdadeiramente heroico, quer picando, quer farpeando, quer pegando, os elegantes janotas que tomaram parte na vaccada, accommettiam as feras com notavel bravura, terminando o espectaculo com um acto de extraordinaria dextreza e de força do nosso amigo e sympathico *sportmen* José Ribeiro da Cunha, que supplantou com um só braço os impetos de uma vacca brava, tal qual como Hercules supplantou as arremettidas ferozes do javali d'Erymantho.

E só não aprecia devidamente estes factos aquelle que, como acto de energia e de força, se limita a espetar o lombo de uma vacca com os dentes de um garfo, quando esse mesmo lombo está reduzido ás pacificas condições de meio *beef*. Para estas heroicidades não faltam nunca valentes, levando até a audacia a, depois de espetarem a vacca, espetarem immediatamente as batatas, que a acompanham.

Nos primeiros dias de Novembro já muitas familias devem regressar a Lisboa, principalmente se a chuva e o frio tornarem insipidas e tristes as manhãs da beira-mar.

Graziel.

CONFIDENCIAS Á GUITARRA

(Continuação)

61

Se eu fosse a guitarra sua,
Com certeza lhe pedia,
Que me estivesse tocando,
Toda a noite e todo o dia.

62

Ó guitarra, que és escrava,
Sempre, sempre, em sua mão;
Dava a minha liberdade
Pela tua escravidão.

63

Guitarra, que a vida levas
Sem receios e sem medos,
Tendo as cordas presas, sempre,
Nas algemas dos seus dedos!

64

Guitarra, fizeste d'ella
Uma escrava verdadeira;
Se julgou, que te prendia,
Ficou ella prisioneira.

65

Se a cruel já foi julgada,
— Ó guitarra, sentenceia! —
São meus versos a sentença,
E meus braços a cadeia.

66

Em meu nome, vae dizer-lhe,
Guitarra, tu que és ouvida,
Se-se lembra, ainda a tempo,
Que não ha segunda vida!

67

Ó guitarra, se tens alma,
Dize lá, que fica a sua
Afinada pela minha,
Em o sendo pela tua!

68

O meu coração au;ente,
Se tivesse liberdade,
Voltaria ao lado d'ella,
Ensinal-a a ter saudade!

69

Minha sorte, meu destino,
Talvez chegasse a saber,
Se eu ousasse perguntar,
Se quizesses responder.

70

Custa a crêr que atraz d'um *sim*,
Ande um homem como louco!
Não dado... parece incrivel!
E depois de dado... é pouco!

71

São teus olhos, caçadores;
Nossas almas são a caça!
Viva a graça, moreninha!
Ó morena! viva a graça!

72

Querem que cante; é andar
Primeiro o carro que os bois;
Que em tu cantando primeiro,
Ninguem se atreve depois.

73

Percebo distinctamente,
— Guitarra, que estás cantando! —
Um som de beijos sonhados,
Nas tuas cordas passando!

74

A gente sonha... que sonhos!
A gente sonha acordado!
Ah! guitarra! quem me dera
Tudo o que eu tenho sonhado!

FOLHETIM

O CASTELLO DE ALMOUROL

III

— Obrigado pelo elogio!... ou antes pela boa intenção. Chame os pequenos. A ceia ha de estar na mesa; e protesto que me atiro a ella como Santiago aos mouros!... Vamos.

A ceia correu farta e alegre, e Antonio Rodrigues foi homem de palavra, regalando o hospede com algumas garrafas de vinho maduro, que Fr. João proclamou rival do melhor que se podesse beber á meza de el-rei. As proezas gastronomicas do erudito dominicano tinham assombrado o proprio feitor, cujo estomago insondavel sepultava sem incommodo alimentos de todas as qualidades, e se carregava de quantidades que eram o espanto e maravilha dos que assistiam ás suas repetidas campanhas pantagruelicas. D'esta reputação merecida Antonio Rodrigues viu-se obrigado a arrear bandeiras. O padre mestre não comia, devorava, não bebia, absorvia! Regando de copiosas libações cada iguaria rustica, absolvendo as indigestas com um exorcismo culinario, fazendo desapparecer do prato as menos pesadas com milagrosa rapidez, dir-se-hia que a fome iberica e peninsular, a fome de dentes caninos e apetite insaciavel, tomára a figura corpulenta d'aquelle frade, para realisar em Tancos uma verdadeira razzia. Tudo tem de acabar, porém, e Fr. João, exalando um suspiro, e cruzando as mãos sobre o volumoso ventre, deu a empreza por concluida, murmurando com os olhos meio fechados, e a voz ainda suffocada do esforço: ***Deus nobis hæc otia fecit!***

O reverendo, na meia somnolencia em que se deixou ficar, recostado no espaldar de couro da vasta poltrona, com as faces afogueadas, e o barretinho de seda preta derrubado sobre a orelha esquerda, não offerecia de certo a imagem dos piedosos e extenuados monges, que em epochas de mais fé edificavam os fieis com o exemplo de sua vida frugal e contricta. Parecia mais um hippopotamo encalhado, do que um devoto filho de S. Domingos. Os instinctos animaes prevaleciam, e a fadiga de uma digestão laboriosa fazia arfar aquella machina de mastigação continua. D. Pedro e D. Maria contemplavam o tio com a admiração sincera de creaturas delicadas, que semelhantes excessos não só confundem, mas aterram. Brizida persignava-se e enfiava os bugalhos do seu rozario em oração atribulada, esperando vêr desabar de um momento para outro o padre collossal fulminado por um ataque apopletico. Romão Pires ainda não podera articular palavra, embuxado com a vista da voracidade incrivel do irmão do seu amo. Antonio Rodrigues, cujos olhinhos matreiros semelhavam no brilho duas scentelhas, desfazia a nuca raspando a desesperadamente com a unha, e dizia comsigo, que o frade, medindo as forças pela alimentação, devia prostrar um touro com um murro, e abrir um tigre em dois, como o faria qualquer mastim faminto ao gato descuidado, que lhe caisse debaixo das prezas.

— *Deus nobis hæc otia fecit!* tornou a repetir Fr. João depois de uma pausa de alguns minutos, recuperando a costumada viveza e agili-

75

Calaram-se os rouxinoes;
Geme a guitarra dolente...
A lua, que vinha andando,
Parou, no ceu, de repente.

76

Noite branca de Natal!
Como o presepio reluz!
Os anjos tocam guitarras,
Ouve-os, no berço, Jesus.

77

Quizera prender meus olhos
Nos seus olhos de veludo;
Sentar-me um dia ao seu lado,
E dizer-lhe... tudo... tudo!

78

Sim, contar-lhe tudo... tudo!
Guitarra! que estás dizendo?
Nunca mais me perdoava?...
Porém... ficava-o sabendo!

79

Coração, ao largo, ao largo!
A vida passa a fugir!
Guitarra! mostra-te alegre!
Guitarra! aprende a sorrir!

80

Passaram sombras ao longe,
Emquanto estavas cantando!
Guitarra! não faças caso!
São nuvens que vão passando!

(Continúa). FERNANDES COSTA.

LIVROS NOVOS

O SR. ALFERES — AUGUSTO DE MELLO

O distincto actor Augusto de Mello acaba de publicar um romance de costumes alemtejanos, iutitulado *O Sr. Alferes*. É prefaciado por Gervasio Lobato, que diz:

«As grandes qualidades, que fizeram de Augusto de Mello um actor illustre, são precisamente as mesmas que fazem d'elle um escriptor distinctissimo: um espirito muito observador e ao mesmo tempo muito brilhante, qualidades que raras vezes se casam, uma intelligencia muito vigorosa e ao mesmo tempo muito maleavel, qualidades que poucas vezes se aliam.»

Lê-se o romance com prazer, notando-se sobretudo a fidelidade e o pittoresco das descripções que o auctor nos faz da paisagem alemtejana.

Apar d'estas qualidades que revellam um espirito de fino observadôr, Augusto de Mello apresenta uma galeria de typos, surprehendidos com rara felicidade, e estuda com talento todos os episodios do drama que constitue o entrecho do romance.

Não é n'este livro que Augusto de Mello se revella pela primeira vez como escriptor de merito. A sua collaboração em diversas publicações litterarias, e que tem sido muito apreciada, collocaram já o nome do auctor do *Sr. Alferes* entre os dos nossos homens de lettras mais conceituados.

FLORES CINZENTAS — HENRIQUE DE VASCONCELLOS

É um elegante volume de versos, filiados na moderna escola dos poetas nephelibatas.

O auctor, que conta apenas dezesete annos, e que n'este

---

dade. — Podemos dizer com verdade que ceiamos como uns padres!.. Minha sobrinha! Não gostei de a vêr tão triste. Que nuvem pesa sobre esse coração? São receios, ou saudades?!... Socegue que o hade vêr são e escorreito...

— Quem, meu tio? atalhou a donzella distrahida.

— Pois quem hade ser senão aquelle cavalleiro andante que se despediu de nós e que hade voltar um dia d'estes coberto de louros... Entendeu-me agora?

— Oh, meu tio!... accudiu ella fazendo-se vermelha como uma roza.

— Está bom! Está bom! Não digo mais nada... Romão Pires sabe que os castelhanos tomaram Evora, e que a estas horas hão de estar ás mãos com o nosso exercito?... O que diz vossa sapiencia?... Quem vence?!...

— Essa é boa, sr. padre mestre! Quem deve vencer! O sr. conde de Villa Flôr.

— Deus o ouça! Bom é ter fé!... Mas! — E a larga fronte do frade enrugou-se aprehensiva, em quanto os sobrolhos descahiram a ponto de lhe cobrirem quasi as palpebras superiores — *Deus super omnia!* murmurou.

Seguiram-se alguns instantes de silencio. De repente a porta abriu-se com estrondo, e a longa, a defecada pessoa de Pedro Lavareda entrou impetuosamente pelo aposento, com os olhos espantados, as faces contrahidas, e os cabellos ruivos espetados, representando a imagem viva do terror e da consternação.

— Os castelhanos!... Os castelhanos!... Elles ahi vem!...

A esta voz de pavor, e de immenso pavor, todos se acharam de pé, não menos assombrados do que parecia estar o nuncio da nova atterradora.

— Os castelhanos!?... gritou Fr. João, saltando da cadeira e empunhando machinalmente um bastão enorme, especie de clava, que o acaso lhe mostrou encostado a um canto.

— Os cas... te... lha... nos! gemeu Brizida, faltando-lhe os joelhos e erguendo as mãos.

— Os castelhanos?! exclamou Antonio Rodrigues, arrancando da cinta a longa navalha de ponta e de mola e floreando-a como uma espada, em quanto Romão Pires sacudia da bainha a durindana decrepita e preguiçosa.

D. Maria, branca de cêra e silenciosa, encostou-se á mesa para não cahir. D. Pedro, pelo contrario, com o rosto mais animado, os olhos reluzentes, e a fronte levantada, apertou o punho da pequena espada de côrte, e deu alguns passos como se quizesse sahir ao encontro do perigo.

— Os castelhanos?! tornou a bradar Fr. João. Ás armas! sr. Antonio Rodrigues chame os criados!... Façamos de Tancos e de Almourol uma segunda Aljubarrota!...

Dizendo isto limpava a testa inundada de suor, e fulo de raiva e de impaciencia batia o pé como o corsel insofrido escarva o chão desejoso de soltar a carreira.

— Mas não seria bom, meu tio, sabermos primeiro o que ha, quem deu a noticia, e aonde estão os inimigos? observou D. Pedro em voz mansa e com extrema serenidade.

— *Do manus! Rem acu tetegiste, puer!* gritou o frade sentando-se commovido e ainda tremulo. Façâmos conselho! Sr. Antonio Rodri-

seu primeiro livro revella já incontestaveis dotes de talento, lamenta-se da apathia da sua alma, e invoca ingenuamente as musas, pedindo-lhes o calix da amargura

Quizera a Dôr, uma Paixão
Para ter uma flôr, embora o Soffrimento!

Que distancia dos poetas *barbaros*, como Musset, como Byron, como Bernardim Ribeiro, como Camões e como Lamartine, que choravam as suas maguas, e pediam balsamos para as suas feridas!

Agora, os poetas como o sr. Henrique de Vasconcellos, quando estão na verdura dos dezesete annos, o que lamentam é a ausencia da paixão e da dôr!

Parece-nos que é ainda cedo para tão sentida queixa; mas, emfim, se o poeta reclama a Dôr, a Paixão e o Soffrimento, o mundo, que é cheio de desenganos e de amarguras, lhe proporcionará o que deseja. Os nossos votos é que essa dôr o accommetta o mais tarde possivel—em que peze ao coração do auctor das *Flôres cinzentas*.

ALMANACH ILLUSTRADO

Entre os retratos que publica o ultimo numero d'este almanach, vem o da distincta escriptora D. Claudia de Campos, auctora d'um interessante livro intitulado *Rindo*... e que ha dous annos appareceu assignado por Collete.

A critica reconheceu as superiôres qualidades da gentil escriptora, que terminou ha poucos dias um romance *Ultimo amor*.

Este formoso romance, diz o artigo que acompanha o retrato da sr.ª D. Claudia de Campos, é a analyse psychologica e profunda de uma alma feminina, a quem um desengano mortal lançou nos abysmos do descrer, e que a seu turno flagella, inconsciente quasi, uma outra alma, pura e candida, que se lhe votou.

O romance deve encontrar sem duvida o mesmo lisongeiro acolhimento dos leitores e da critica que teve o primeiro livro da brilhante escriptora.

MODAS

Já vão apparecendo modas d'outomno, mas onde está elle, esse outomno? Depois das grandes chuvas de Setembro, que tão frias eram que já tinham feito pôr de banda ás elegantes os seus vestidos claros e as camisinhas ligeiras, eis que de novo nos voltaram dias quentissimos, tão quentes, tão abafados, com noites tão lindas e tão tepidas, que pelas praias e pelos passeios tornaram as senhoras a vestir tudo quanto acharam de mais leve e vaporoso nos seus guarda vestidos.

Apenas os chapeus apresentam uma transição entre o verão e o outomno, pois mesmo com as toilettes ligeiras de gaze ou grenadine se podem usar os chapeus de feltro branco enfeitados de fitas pretas e pennas de gallo.

Tambem se usam os chapeus de feltro cinzentos, mas pretos por dentro. Os chapeus de setim tambem reappareceram e por ultimo, constataremos que as flôres desappareceram, cedendo o logar ás plumas. As pennas d'abestruz estão a par das pennas de gallo, e usa-se toda a especie de pennas de phantasia collocadas em pé.

Passaros de veludo preto com azas abertas tambem estão muito em voga, e enfeitam-se as azas com vidrilhos pretos. Os sequins, espalham-se pelo pé, e uma guarnição nova, consiste em rosetas feitas de sequins, collocando uma porção d'ellas muito juntas.

As fazendas para vestidos de passeio não apresentam por ora grande novidade, mas já não se vêem os salpicos, mas sim muitas lãs escuras com um fio de côr clara disposto aqui e ali.

As mangas dos vestidos de lã vão diminuindo de dimensões, e são pregadas no hombro com tres pregas chatas seguras por um ponto á machina. As mangas de panno ainda são volumosas.

Foi me ultimamente indicada uma excellente maneira de refrescar as saias de baixo de seda, pisando-lhes as rendas já rotas e empoeiradas e substituindo-as por um folho feito de ordens, alternados de entre meio crême e fita preta. Fica perfeitamente n'uma saia de setim preto, e póde-se em saias de seda phantasia seguir o mesmo systema d'enfeite com fitas de côr.

27 de Outubro. GIL-BERTA.

---

gues, em primeiro logar: quem é e como se chama este correio de más novas?...

—É meu genro e meu sobrinho. Chama-se Pedro Lavareda.

—Ah! Ah! Pedro Lavareda!? Nome incendiario e perigoso em pessoa mais secca do que um cavaco!... Mas vamos ao que importa. Chegue á falla o sr. Pedro... Lavareda! Quem lhe deu a má noticia que nos trouxe?...

—Um almocreve do Crato, que sahiu de lá a bom fugir!...

—E que disse o almocreve?...

—Que os nossos foram derrotados, que ficaram todos ou quasi todos no campo, e que as guardas avançadas de D. João de Austria estavam a entrar no Crato!...

—Ah! Parece-me carnificina de mais!... E aonde se deu a batalha?

—Não m'o soube dizer.

—Hum! E o seu almocreve aonde está?...

—Partiu, caminho de Lisboa.

—Oh! E não sabe mais nada?

—Mais nada, sr. padre mestre.

—Pois sr. Pedro... Lavareda, o seu nome queima!... Quer um conselho de amigo?...

—Se vossa reverendissima tiver a caridade de m'o dar!...

—Tenho sim, senhor. Mande passear o seu almocreve, durma sobre o caso, como nós vamos dormir, e creia que ámanhã acorda convencido de que enguliu uma peta mais comprida do que a sua pessoa, o que já não é pouco.

Os olhos felinos de Pedro, se fossem punhaes, teriam varado o frade, mas como o não eram, contentaram-se com a expressão humilde e hypocrita de uma annuencia servil, ao passo que os labios franzidos arremedavam soffrivelmente um sorriso boçal.

—*Macte puer!* gritou Fr. João, batendo no hombro de D. Pedro. Tiveste mais juizo tu só, do que nós todos!... Isto é mentira e mentira mal armada. Os hespanhoes no Crato!... Uma batalha sem logar sabido!... Um almocreve invisivel!... Meninos, soceguem! Tia Brizida, alma até Almeida! Romão Pires, enfie-me na bainha esse eterno chifarote, espanto e censura viva das espadas de hoje!...

—Então vossa reverendissima já não quer que ponha de aviso os criados? disse Antonio Rodrigues, que tivera tempo de trocar algumas palavras com o genro, colloquio, que apesar de curto, não escapara a Fr. João.

—Não, senhor. Deixe-os descansados! Bem bastam logo as almas do outro mundo!... Sabe que mais? Sinto-me moido, e uma boa cama depois de uma boa ceia é o melhor remedio para estas molestias. Aonde é o meu quarto?

O feitor esgueirou um volver de olhos interrogador ao sobrinho, que lhe respondeu com um aceno quasi imperceptivel de cabeça, e, pegando em um maciço castiçal de prata denegrido, precedeu a especie de procissão de toda a familia até ao aposento, aonde o douto dominicano havia de passar a noite.

REBELLO DA SILVA.

(Continúa.)

Anniversarios da semana

Domingo 29 — A sr.ª: D. Eugenia de Mendonça (Atalaya).

E os srs.: D. Luiz Machado de Castello Branco (Figueira), Pedro Joaquim Tavares Paes de Sousa e Andrade (Capellinha), Francisco Travassos Valdez (Bomfim), José Feliciano Ferreira Marques, José Cabral Gordilho de Oliveira Miranda.

Segunda-feira 30 — As sr.as: D. Joanna Ludovina Alvares (Cunha), D. Maria Jacintha Pinto Guedes, D. Gracia Patricio Alvares.

E os srs.: Conselheiro José Joaquim Ferreira Lobo, Dr. Francisco Roberto Ferrão de Carvalho Martens, Jayme Arthur Pinheiro Borges.

Terça-feira 31 — As sr.as: D. Maria Domingas de Castello Branco (Pombeiro), D. Luiza de Faria Pinto d'Eça e Costa (Salgueiro), D. Maria Izabel d'Almeida Palmeirim, D. Maria das Dôres Mello Campos Valdez, D. Maria José Leite Forjaz, D. Maria Luiza Barata Taborda.

E os srs.: Conde de S. Marçal, Fernando Teixeira Rebello (Prime), João Travassos Valdez (Bomfim), Dr. Manuel Rodrigues d'Oliveira, Dr. José Maria Pedroso Barata dos Reis.

Quarta-feira 1 — As sr.as: Condessa de Pangim, D. Marianna Candida de Almeida Pimentel de Moura Coutinho, D Anna de Mello Breyner, D. Maria Brigida Bandeira Vianna, D. Maria do Patrocinio Correia de Lacerda, D. Gertrudes Magna Simões Ferreira, D. Rachel Pinto de Campos, D. Brites de Sousa Namorado e Castro.

E os srs.: Conselheiro João Carlos de Valladas Mascarenhas, Luiz José Lopes de Andrade, Carlos Joaquim de Peters Junior, Luiz Bertiandos

Quinta-feira 2 — As sr.as: D. Helena Maria de Vasconcellos e Sousa Ximenes (Castello Melhor), D. Maria Adelaide de Sá Pereira (Antas), D. Maria Rita Owens (Pero Balha), D. Cecilia Rodrigues Leite Ribeiro, D. Elvira de Noronha, D. Aurelia Candida Serzedello Pereira Lima.

E os srs.: Ricardo de Carvalho, Nuno de Freitas Queriol, Thiago Victorino Pinto Lobo, Antonio Thomaz Ferreira Nobre de Carvalho.

Sexta-feira 3 — As sr.as: D. Maria Xavier de Passos Manuel (Canavarro), D. Margarida Abranches de Queiroz, D. Julia de Campos Paiva, D. Basilia Augusta Patrone Ferreira, D. Adelaide Augusta Ferreira.

E os srs.: Conde da Ribeira Grande, Manuel Saldanha da Gama (Ponte), Dr. João Correia de Freitas, Costa Goodolphim.

Sabbado 4 — As sr.as: D. Carlota Emilia Cunha de Oliveira, D. Maria Guilhermina Pereira de Araujo, D. Maria Carlota de Sá Pinto Barroso da Cunha, D. Carolina Leopoldina Osorio de Figueiredo, D. Amelia da Conceição Moraes Ferreira.

E os srs.: Carlos Augusto Pinto Ferreira, Antonio Carlos Velasco de Celestino Soares.

EPHEMERIDES SEMANAES

21 — Fallecimento do actor Leoni, que durante longos annos fez as delicias do publico do theatro da Trindade.

23 — Abertura das aulas do Lyceu Nacional de Lisboa.

— Chegada a Lisboa do poeta brazileiro Filinto d'Almeida.

24 — Primeira representação, no theatro do Gymnasio, da comedia franceza em tres actos, traduzida por Gervasio Lobato.

— Chegada a Lisboa do sr. conde de Cronhielme, ministro da Servia em Portugal.

— Abertura solemne das aulas do asylo *Maria Pia.*

25 — Regresso a Lisboa do sr. conselheiro Antonio de Serpa Pimentel.

26 — Fallecimento do sr. dr. Ribeiro Vianna, lente jubilado da escola medico-cirurgica de Lisboa.

— Estreia no theatro da Trindade da nova actriz sr.ª Amorim Vianna.

— Na Penitenciaria de Lisboa, Candido Teixeira, que estava cumprindo sentença, aggrediu ferindo gravemente um guarda d'aquelle estabelecimento.

27 — O sr. Emilio Ceulmans realisa na Associação Commercial de Lisboa uma conferencia sobre a exposição universal, que se deve realisar em 1894, em Antuerpia.

— Abertura do Real Colyseu de Lisboa, com a companhia equestre e acrobatica denominada Alegria.

THEATROS E CIRCOS

D. Maria

Deve reunir-se ámanhã a empreza d'este theatro para determinar o dia da reabertura.

Parece que o primeiro espectaculo será no dia 1, fazendo-se *reprise* da encantadora comedia *O amigo Fritz*, que tanto tem agradado.

*

Gymnasio

O *Primeiro marido de França,* comedia em tres actos primorosamente traduzida por Gervasio Lobato, tem attrahido grande concorrencia.

A comedia é engraçadissima, e Gervasio Lobato, qne a traduziu com esmero, conseguiu suavisar algumas asperezas que seriam incompativeis com o gosto e a moral das nossas plateias.

A constante hilaridade dos espectadores e os calorosos applausos garantem a esta comedia uma longa vida no palco do Gymnasio.

O desempenho é excellente, principalmente por parte de Valle, que interpreta admiravelmente o seu papel.

*

Theatro Avenida

A lenda do rei de Granada, com muzica de Cyriaco de Cardoso, foi recebida com palmas, e continua a attrahir todas as noites grande concorrencia de espectadores.

*

Rua dos Condes

Ainda o *Cofre dos encantos,* que promette demorar-se n'este theatro, emquanto o publico continuar a frequentar o theatro.

*

Real Colyseu

Apresentou se hontem a companhia equestre e acrobatica Alegria, do circo de Barcelona.

Era completa a enchente, e todos os artistas foram muito applaudidos.

*

Praça de touros

É hoje que se realisa na praça do Campo Pequeno o beneficio do Botas.

Além de outros attractivos, ha a *alternativa* do incansavel bandarilheiro José Martins.

O *espada* é Antonio Fuentes.

SPECTATOR.

Typ. Christovão — R. de S. Paulo, 60 e 62.

JERONYMO MARTINS & F.º

13, RUA GARRETT, 15

CHAMPAGNE - POMMERY

ESPECIALIDADES:

QUEIJOS CAMEMBERT E ROQUEFORT

A SEMANA DE LISBOA é distribuida gratis aos assignantes do **Jornal do Commercio**. **A livraria Gomes** faz uma tiragem em papel especial ao preço de 5$000 réis por assignatura annual, e 100 réis avulso. — **Annuncios — 100 réis a linha.**

Editor — Antonio Carlos Antunes — Rua do Belver, 1